

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Representa este volume as «Actas» do colóquio Espiritualidade e Corte nos Séculos XVI a XVIII em Portugal que se pensou não só como um modo de traduzir alguma da actividade de investigação do Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mas também como uma tentativa de materializar, através da aproximação a um tema particularmente fecundo — e quase inexplorado —, algumas das pistas de investigação que se foram perfilando no colóquio anterior (1986) dedicado a examinar algumas das Problemáticas de História Cultural (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987). Como então, mesmo sabendo que, por esta vez, não poderíamos contar com a presença «espevitante» de um Hans U. Grumbrecht, optamos voluntariamente — e não só por razões de ordem económica ou de especialização de matéria — por um colóquio de tipo seminário que permitisse aos participantes não só ouvir, mas também intervir, inclusivamente, para além do que costuma considerar-se razoável. Em princípio só um pequeno grupo pode dar-se a esse aristocrático luxo de (ab)usar, com eficácia, do tempo e da benevolência.

A escolha do tema foi derminada por um motivo quase óbvio: a centralidade da corte nos tempos modernos, centralidade essa que em Portugal lhe permitia funcionar pacificamente — o que não quer dizer tranquilamente —, mercê de uma série de «instrumentos» (sociais e institucionais) e de um espaço nacional de relativamente fácil controlo, como um foco irradiador e normalizador da espiritualidade e do sentimento religioso que a envolviam. Espiritualidade e corte deveriam, assim, aparecer como dois referentes que, até certo ponto, se co-definem..., se interpenetram... e se propõem paradigmaticamente. Por isso, à partida, não se privilegiou qualquer deles na esperança de que as perspectivas de análise e de debate se encarregassem de evidenciar convergências e solidariedades mútuas. Um as e outras, como se verá, estendem-se (entendem-se) desde a organização da Casa real como ponto de cruzamento de liturgias — essas liturgias que a capela real evidencia ostensiva e ostentoriamente pelo gesto ritualizado e pela pregação não menos ritualizada da palavra sacra — até à exploração política de «santos profetas», passando pela proposta de

modelos de educação para damas..., de «bibliografia» para cortesãos devotos... e pela memória de ditos e conflitos de gosto e de etiqueta... Isto para não falar dos seus retóricos anseios de evasão (a aldeia de uma aurea mediocritas inalterável...) e dos seus envolvimento no alvitre político... A Exposição que então decorreu, de encadernações com Super-Libros (ou, se se preferir, de Ex Libris exteriores) heráldicos, muitos deles apostos em obras de carácter religioso — do simples livrinho de devoção particular a obras de hagiografia — poderá ter permitido «visualisar», de algum modo, tais convergências e solidariedades...

Infelizmente, não foi possível, à última hora, contar com a colaboração do Prof. Carlos Pérez Reyes, Catedrático de História da Arte na Universidade Complutense de Madrid, e do Doutor José Luis Peset Reig do C.S.I.C. (Madrid). A função da escultura no jardim de palácio e as liturgias académicas da universidade quinhentista ficaram, por essa razão, apesar das garantias da Amizade, sem história. Esperamos, contudo, voltar a contar com a sua presença quer no âmbito do Instituto de Cultura Portuguesa quer no do recém-criado Centro Inter-Universitário da História da Espiritualidade em Portugal, da Universidade do Porto.

Cumpre-me agradecer em nome do Instituto de Cultura Portuguesa a todos os que nos deram a honra de participar nesta iniciativa e, de um modo especial, ao Prof. Doutor Carlos Azevedo, então Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras do Porto, a prontidão com que apoiou logística e financeiramente a sua organização; ao Conselho Científico da Faculdade, na pessoa do então seu Presidente Prof. Doutor Oliveira Ramos, a sua aprovação; ao Prof. Doutor Cândido dos Santos, Vice-Reitor da Universidade do Porto, as facilidades de utilização das instalações do Círculo Universitário do Porto; aos ilustres livreiros senhores Comendador Nuno Canavez e Luís Barroso a generosidade com que acederam a expor os preciosos exemplares das suas colecções de Super-Libros; e, finalmente, de uma maneira muito especial, ao Prof. Doutor Jorge Osório, coordenador da Revista da Faculdade de Letras do Porto (Série de Línguas e Literaturas) que, para além de ter aceitado propor ao Conselho Científico a inclusão destas «Actas» na série de «Anexos» da mesma Revista, se prontificou a encarregar-se de tudo o que dissesse respeito à ainda imprescindível Nobre Arte de Tipografia...

Porto, 11. de Maio de 1993

José Adriano de Freitas Carvalho